

## **5a. PARTE — TRANSCRIÇÕES**

## IGREJA POPULAR III

João Jacques

Dom Boaventura Kloppenburg, apesar de transcrever tópicos e tópicos de inúmeros documentos escritos ou assinados por sacerdotes, não cansa o leitor de seu livro "Igreja Popular", porque dos papéis pesquisados soube extrair a essência informativa necessária à sua crítica imparcial e equilibrada, inserida nas páginas finais e de que são itens: "A Igreja Popular não é nossa Igreja Católica"; "Divisão Interna da Igreja"; "Falso Conceito de Evangelização"; "Subversão"; "Teologia da Libertação"; "O Problema da Práxis"; "Não há Ontologia Latino-Americana"; "A Questão dos Pobres".

Como deixa bem definida essa questão, pondo equilibrada e sabiamente os pontos nos ii!

Por não compaginar-se com a catequese da Igreja, cita Paulo II quando denuncia os erros dos que pleiteiam, com uma literatura de encomenda marxista, uma Igreja Popular. Os erros dessa literatura são:

- O silêncio sobre a divindade de Jesus Cristo.
- A apresentação de Jesus como um simples profeta.
- A idéia de um Jesus comprometido politicamente, como lutador contra a dominação romana e contra os poderes.
- O conceito de um Jesus implicado nas lutas de classes.
- Um Jesus revolucionário: o subversivo de Nazaré.
- O desenlace de um conflito político como causa de sua morte.
- O silêncio sobre a vontade de entrega do Senhor e mesmo a consciência de sua missão redentora.

Paulo II também denunciou:

— Um certo mal-estar com respeito à própria interpretação da natureza e missão da Igreja.

— A separação estabelecida por alguns entre Igreja e Reino de Deus.

— A afirmação de que ao Reino de Deus se chegaria não pela fé nem pela pertença à Igreja, mas pela simples mudança estrutural e pelo compromisso sócio-político.

— A falaz consequência que disto se deduz: onde existir um certo tipo de compromisso e de práxis, ali já estaria presente o Reino.

— A identificação do “Regnum Dei” com o “Regnum hominis”.

O Papa advertiu os que dissociam a Igreja e o Reino de Deus de que deviam atentar para as palavras de seu antecessor, Paulo I: “É um erro afirmar que a libertação política, econômica e social coincide com a salvação em Jesus Cristo”.

Kloppenburg define, com as expressões do atual Chefe da Igreja, o que é libertação:

— Libertação, antes de tudo do pecado e do maligno, dentro da alegria de conhecer a Deus e de ser conhecido por Ele.

— Libertação, como superação, das diversas escravidões e ídolos que o homem fabrica.

Por fim, como fecho de suas apresentações e considerações, o autor mostra o que é a Igreja dos Pobres.

Eis um trabalho realizado por amor à verdade e a Deus.

(Transcritos do “Diário do Nordeste”, 15, 16 e 17-6-1983).